



Banquete totêmico e a eucaristia católica: um paralelo entre os rituais pós-morte do pai primevo e o sacrifício de Cristo

The totem feast and the catholic eucharist: a parallel between the post-death rituals of the primeval father and the sacrifice of Christ

Marcelo Roberto Monteiro¹

Ione Marques de Lima²

Resumo: A morte do chamado “pai primevo” por sua própria prole é a alegoria central da obra “Totem e Tabu”, publicada em 1913 por Freud. Nesta obra, tem-se a tese da figura paterna que simbolicamente é destruída brutalmente por seu próprio clã, algo que reverbera fortemente nos aspectos religiosos. Objetivou-se discutir as relações trazidas na obra Totem e Tabu sobre os rituais religiosos e o mito do assassinato do Pai primevo em paralelo com a eucaristia católica, ritual simbólico em que os fiéis comungam “o corpo e o sangue de Jesus Cristo”, pedindo redenção por sua morte e crucificação. Esse ato pode ser visto como um simulacro do parricídio e o prosseguente “banquete totêmico”, descritos na obra freudiana. Recorreu-se a excertos do Novo Testamento e ao catecismo da Igreja Católica em vigor, assim como a supracitada obra do psicanalista.

Palavras-chave: Psicanálise. Religião. Cristologia. Cultura.

Abstract: The death of the “primeval father” by his own offspring is the central allegory of the work “Totem and Taboo”, originally published in 1913 by Freud. In this work, there is the thesis of the father figure who is symbolically brutally destroyed by his sons. This symbolic act reverberates unconsciously strongly in religious aspects, as advocated by the founder of psychoanalysis himself. This study craves to discuss the relationships that Freud brought about religious rituals and primitive people - specifically in “Totem and Taboo” - and the Catholic Eucharist, which is a symbolic ritual in which the faithful share “body and blood of Jesus Christ” and expiate their guilt and errors, asking for redemption through the death of the Christ who, according to Catholic tradition, was crucified by the Jews. Considering this context, this act can be seen as a faithful simulacrum of parricide and the following “totemic feast”, described in the aforementioned Freudian work. For this reason, fragments of the new testament and the catechism of the Catholic Church, as well as the referred work of the psychoanalyst.

Keywords: Psychoanalysis. Religion. Christology. Culture.

¹ Graduado em Psicologia pela UFTM, mestrando em Ciências Sociais pela FCLAr/UNESP; especialista em Sociologia, pela USCS, e aluno da Pós-graduação em Psicologia Social pela UNIARA. E-mail: marcelo_rmonteiro@hotmail.com

² Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: ionelima46@gmail.com

Introdução

O presente estudo se trata de um ensaio, realizado por psicólogos e, (enfocado na ótica analítica freudiana), almejou compreender os paralelos entre o mito do assassinato do ‘Pai primevo’, trazido na obra *Totem e Tabu*, do psicanalista austríaco Sigmund Freud (1856-1939) e a mitologia cristã. Teve como base a leitura de que a eucaristia católica pode representar simbolicamente a reconstituição do grande banquete totêmico, a culpa e a remissão, trazidos na referida obra freudiana. Para isso, optou-se por realizar recortes do Novo Testamento e do catecismo da Igreja Católica que corroborassem com a linha analítica adotada neste ensaio. Ressalta-se que os autores não objetivaram menosprezar crenças religiosas e teses teológicas. Reconhece-se, assim, as limitações deste estudo, que se atentou a fragmentos da catequese e do Novo Testamento e resumiu as ideias psicanalíticas específicas da obra *Totem e Tabu*. Portanto, não se trata de uma única análise possível acerca da temática, sendo o material apresentado aqui apenas um recorte filosófico. Esclarecido isso, iniciemos o artigo.

Através de sua teoria psicanalítica, Freud debruçou-se sobre a complexidade do fenômeno religioso e buscou compreender quais fenômenos psíquicos faziam parte da experiência religiosa (VELIQ, 2017, p. 29). A partir de seus escritos, uma das suas obras que mais se destacou a respeito desse tema é *Totem e Tabu*, publicada pela primeira vez em 1913, que teve por objetivo construir reflexões acerca do surgimento das religiões e as implicações psíquicas que estariam relacionadas a tais fenômenos religiosos (MACIEL & ROCHA, 2008, p. 743-744).

Em suas interpretações, o autor revela que muitas das práticas religiosas, ligadas à infância emocional dos sujeitos são frutos de uma neurose, que surge a partir dessa demanda interior. Segundo o trabalho de Miranda (2012), a obra *Totem e Tabu* tem como pano de fundo os fenômenos que deram início à religião com base no complexo de Édipo (MIRANDA, 2012, p. 20). Sendo assim, o psicanalista austríaco passa a explorar a vida dos povos tidos como primitivos para compreender se existia uma relação desses sujeitos com a sociedade moderna (dos neuróticos) e de como a psicanálise poderia auxiliar na compreensão sobre o que ocorria nos modos de vida primitivos (VELIQ 2017, p. 30, 34).

Freud analisa a relação do Pai primevo com sua tribo que por ser possuidor de todas as mulheres do clã, impede que estes se relacionem, e torna-se, assim, fonte de

inveja dos filhos que, para evitar maiores conflitos, acabam sendo expulsos da horda quando maiores (GODOI & NOÉ, 2018, p. 75). Essa situação de maior poder sobre os demais desenvolve um sentimento ambivalente nesses que, por um lado o amam e admiram e, por outro, o odeiam por não acessarem dos mesmos privilégios (MIRANDA, 2012, p. 20-21).

Nesse sentido, motivados por esse sentimento ambivalente, os filhos se unem para matar esse Pai. Todavia, quando o patriarca é assassinado, recai sobre eles um sentimento de fracasso, pois nenhum deles poderia ocupar seu lugar devido ao risco de ocorrer novamente tal crime, ficando este lugar, então, vazio (LIMA & SOUZA, 2016, p. 422-423). Para Veliq (2017, p. 32), a obra freudiana permite a compreensão de que justamente na tentativa de preencher esse vazio deixado pelo Pai morto que surge a religião.

Ao longo de sua teoria, Freud apresenta como teria se dado o surgimento da coletividade. O autor ressalta que houve um movimento de transformação do Pai morto para o Pai venerado; diante da culpa e admiração que surgiu após o parricídio. Desse modo, o grupo firmou acordos e abriu mão de privilégios individuais com o objetivo de beneficiar a coletividade e dar maior estabilidade às relações (MARANHÃO, 2005, p. 38).

Freud propõe uma aproximação entre a figura do pai, do animal totêmico e da refeição totêmica, que posteriormente é reconhecido como mito. Discute que nos primórdios o homem se organizava por grupos ligados por sangue e que não existiam leis pré-estabelecidas, sendo através da força e da imposição que era determinado o curso das relações dos indivíduos. Assim, o pai tirano representava a figura de poder da horda. E é nesse viés de inserção da figura paterna, no lugar ocupado pelo animal totêmico, que o autor embasa sua teoria, ao passo que, ao mesmo tempo que ocorre a identificação com o animal, tem-se também sentimentos ambivalentes, fazendo-se, assim aproximações com a teoria psicanalítica tendo como base as leis do totem que foram criadas (AMARAL, 2019, p. 231-230).

Visto isso, o totem foi reconhecido como um ancestral tribal, enquanto lei, fonte das obrigações e imposições sociais ao qual o clã era submetido (PONTES, 2004, p. 11). Dessa forma, o parricídio para Freud pôde ser visto enquanto evento de inscrição da lei e possibilitou a criação e organização da sociedade. Ou seja, a passagem da barbárie

para uma civilização que possibilitasse a criação de laços fraternos e que, enquanto lei, abrange tanto o interno quanto o externo, à medida que passou a organizar as relações sociais. Assim, os sujeitos, ao internalizá-la, se organizam entre a censura e os desejos incestuosos e parricidas, recalcados no inconsciente e mantidos de forma latente (POLLO & SANT'ANA, 2022, p. 84). Nesse sentido, é possível compreender, a partir da obra freudiana, que a interdição do incesto, ocorrido após o parricídio, corroborou para a passagem do estilo natural de organização dos povos primitivos para a cultura (NAMBA, 2018, p. 178).

O conceito precursor do pensamento de Freud a respeito da religião estaria ancorado na necessidade de proibição do incesto acerca do desejo de cometê-lo, estabelecendo-se uma ambivalência, presente nos tabus. Nesse sentido, o pensador traz que o tabu seria o ato de proibir algo que é desejado e que qualquer violação deveria ser punida (FREUD, 2016, p. 14-16). Caso não ocorresse, os outros membros poderiam sentir-se tentados a fazê-lo e essa obediência garantiria uma maior segurança aos membros (FREUD, 2016, p. 20-21, 26-27).

Sendo assim, segundo Veliq (2017), no ato de diminuir esses sentimentos e deixar a situação mais tranquila com o Pai devido à desobediência até então realizada, todas as religiões estariam com esse mesmo impasse até hoje, transferindo-se essa relação para a figura de Deus. Na análise freudiana, o conceito de Deus passou a estar relacionado diretamente ao animal totêmico ao longo da história da humanidade. Assim, a existência de Deus enquanto pai, para Freud, seria a reprodução da figura do Totem, bem como uma reverência à figura patriarcal.

Seria natural supor que o próprio deus é o animal totêmico, que se desenvolveu a partir deste num estágio posterior do sentimento religioso. Mas a consideração de que o totem nada mais é que um sucedâneo do pai nos dispensa de toda a discussão ulterior. De modo que ele pode ser a primeira forma do sucedâneo do pai, e o Deus, uma posterior, em que o pai readquire sua configuração humana (FREUD, 2016, p. 154).

Ao trazer esses conceitos para a eucaristia cristã e refletir sobre o significado da comunhão católica, pode-se pensar que existem relações sobre o consumo do animal totêmico e o comungar do chamado “corpo de Cristo”. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, a comunhão é o ápice da junção do “Deus Trino”, a Trindade, sendo o Deus, o Cristo e o Espírito Santo aqueles que, juntos, auxiliam para que ocorra a santificação do

mundo. Nesse sentido, ao comungar do corpo e do sangue de Jesus, os cristãos católicos estão absorvendo de sua graça em suas vidas e fazem memória às tradições judaicas ligadas à purificação, redenção e santificação (CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. P 86, 364 – 391; CIC 292, 1322 - 1419).

A menção ao judaísmo se deve ao fato da liturgia e orações presentes nas celebrações católicas serem inspiradas em modelos da cultura e mitologia hebraica. Desse modo, houve o compartilhamento de fundamentos, como alguns prescritos pelo *Maimônides* (treze princípios basilares da fé), dentre eles estão ‘Deus como o único criador’; ‘Unidade e perenidade de Deus’ (único e eterno) e a ‘Onisciência de Deus’ (ciente de todos os atos e pensamentos humanos), como alguns dos exemplos da influência judaica (MORASHÁ, 2015).

Assim, considerando a ideia de que o consumo da eucaristia para os cristãos seria também a ação da graça, união, criação e redenção de Deus sobre suas vidas (CATECISMO..., 2000, p.494; CIC 1846), o estudo de Maciel e Rocha (2008), afirma que Freud aponta que tal ritual cristão teria semelhanças com o banquete totêmico, enquanto um evento reprodutor de tais práticas, porém também buscou apontar suas diferenças (MACIEL & ROCHA, 2008, p. 745). Verificando-se tais semelhanças, o presente estudo objetiva analisar trechos do Novo Testamento bíblico e do Catecismo da Igreja Católica em vigor com o intuito de confirmar a hipótese defendida na mencionada obra, pelo supracitado pensador.

1. O grande banquete totêmico e o assassinato do pai

Sigmund Freud, em sua obra *Totem e Tabu* (2016), descreve e conceitua a cena da “refeição totêmica”, que seria o momento no qual simbolicamente o animal totêmico é cruelmente assassinado e devorado por seu próprio clã adorador. O brutal banquete ocorre com caracterização, sons e gestos que remetem ao totem já morto, no anseio de enfatizarem sua identidade e o consumo de seus restos mortais, uma maneira de absorver - “sacralizar” - suas características pela ingestão. Entretanto, após a barbárie, o clã é arrebatado por um sentimento de culpa e luto pelo massacre de seu animal totêmico, o qual todos foram responsáveis (FREUD, 2016).

Em suas próprias palavras, Freud descreve o momento:

Numa ocasião solene, o clã mata cruelmente o seu animal totêmico e o devora cru, carne, sangue e ossos; os membros do clã estão vestidos à semelhança do totem, imitam-no em sons e movimentos, como se quisessem enfatizar sua identidade e a dele (FREUD, 2016, p. 146).

Todos os membros participaram da ocisão, conscientes de que se tratava de algo totalmente vetado e errado e só o consumaram devido à ação coletiva. Entretanto, feito a desgraça, os membros do clã são tomados por uma má-consciência, culposa e temerosa. O luto, o choro e as lamuriações surgem na esperança de remissão do erro perpetuado. Desta forma, simbolicamente, espera-se o livramento do fardo culposo, que por sua vez é seguida de uma grande euforia e efusão: “Mas após esse luto vem a alegria festiva, o desencadeamento de todos os instintos e a licença de todas as gratificações. Sem dificuldade vislumbramos aí a natureza da festa” (FREUD, 2016, p. 146).

A festa pós-enlutamento e a autofagia justificam-se pela absorção simbólica do sagrado imbuído no totem devorado. Consumir o animal totêmico é um elixir, que sacraliza aqueles que de sua carne e do seu sangue se alimentam e beber: “O fato de terem absorvido a vida sagrada, da qual a substância do totem é portadora, poderia explicar o ânimo festivo e tudo o que dele se segue” (FREUD, 2016, p. 146).

Na concepção da psicanálise freudiana, o animal totêmico é sinônimo da imago³ do Pai no psiquismo humano. Consequentemente, todo o enredo supracitado passa a ocorrer agora com o Pai, que se torna o totem, e seus filhos fazem às vezes do clã revoltoso. A horda revolta-se contra a onipotência do patriarca, rebelando-se e o assassinando. Seu corpo fora devorado em um grande banquete em que os glutões, caracterizados à semelhança do Pai, visavam absorver as características e poderes do líder morto.

2. O cristianismo, o pai e o parricídio

Freud afirma que a partir da memória desse sanguinário parricídio surgem a moral, a religião e as instituições sociais: “A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse ato memorável e criminoso, com

³ Imago, termo psicanalítico que significa imagens mentais inconscientes. Pela linha freudiana, a imago do ‘Pai’ seria um simbolismo edípico associado à fantasia inconsciente referente à figura paterna.

o qual teve início tanta coisa: as organizações sociais, as restrições morais, a religião” (FREUD, 2016, p. 148). Com base nisso, pode-se inferir que a cultura cristã da eucaristia - simbolicamente - poderia ser entendida enquanto fenômeno que tenha raízes no assassinato e banquete totêmico, mitológicos, que assim teriam corroborado para a construção de uma memória onerosa e culposa.

O psicanalista refere-se à eucaristia católica: “No fundo, a comunhão cristã é uma nova eliminação do pai, uma repetição do ato a ser expiado” (FREUD, 2016, p. 162). Assim, a ideia da eucaristia ser uma reconstituição da ocisão e da devoração do Pai é fomentada pelo pensador austríaco, sendo esse o viés analítico usado no presente ensaio, que se enfocará somente no referido clássico freudiano (*Totem e Tabu*).

Ressalta-se também que neste livro, Freud traz afirmativas que, através de uma interpretação dualista, na qual Deus e Jesus são sujeitos/deidades diferentes, sendo o primeiro o pai e o segundo, o filho. Desse modo, Freud afirma que o sacrifício de Cristo foi uma maneira de redimir a culpa dos homens perante o assassinato do pai: “Assim, na doutrina cristã a humanidade reconhece de modo mais franco, o ato culposo de um tempo primordial, pois apenas no sacrifício do filho encontrou a mais plena expiação para ele” (FREUD, 2016, p. 161).

Destarte, nesse viés interpretativo, embasado na própria mitologia cristã, o filho morre para perdoar os pecados dos humanos, seus ‘irmãos’ e assim ele alça-se junto ao pai e sua religião substitui a dele, como afirma o psicanalista:

Torna-se ele próprio Deus, ao lado – mais precisamente, no lugar – do pai. A religião do filho substitui a religião do pai. Como sinal desta substituição é reavivada a antiga refeição totêmica, na forma de comunhão em que os irmãos provam a carne e o sangue do filho, não mais do pai, dessa maneira se santificando e se identificando com ele (FREUD, 2016, p. 162).

Ressalta-se que o presente estudo se embasa na interpretação da “trindade”, da mitologia cristã – católica, na qual se acredita que Jesus e Deus são uma unidade, ligada/intermediada simbioticamente pelo Espírito Santo e, portanto, se usou de excertos bíblicos específicos e fragmentos do catecismo católico, disponibilizados no *website* do Vaticano. Apesar de haver tais divisões entre pai, filho e Espírito Santo, a tradição católica defende que não há fragmentação entre esses três supostos seres, deidades. Assim sendo, na linha analítica aqui adotada (há singularidade e unidade

indivisível da trindade) assassinar e alimentar-se, simbolicamente, do corpo e do sangue de Cristo é, conseqüentemente, uma reconstituição simbólica do assassinato e o banquete de Deus, do pai.

3. Pai, filho e espírito santo: trino, mas uno

O Catecismo da Igreja Católica (1992/2000), em sua primeira parte, nas seções “eu creio; nós cremos” e “profissão da fé cristã”, define a “santíssima trindade”, a unidade entre pai (Deus), filho (Jesus) e o espírito santo (pentecostes). Os parágrafos 151, 237 e 245, respectivamente, da citada obra eclesialística lê-se fragmentos que corroboram para tal compreensão: “(...) Podemos crer em Jesus Cristo, porque Ele próprio é Deus, o Verbo feito carne.” (CATECISMO..., 2000, p. 50; CIC 151) e em:

A Trindade é um mistério de fé em sentido estrito, um dos mistérios ocultos em Deus, que não podem ser conhecidos se não forem revelados lá do alto. É verdade que Deus deixou traços do seu Ser trinitário na obra da criação e na sua revelação ao longo do Antigo Testamento. Mas a intimidade do seu Ser como Trindade Santíssima constitui um mistério inacessível à razão sozinha e, mesmo, à fé de Israel antes da Encarnação do Filho de Deus e da missão do Espírito Santo (CATECISMO..., 2000, p. 72; CIC 237).

Mas a origem eterna do Espírito Santo não está desligada da do Filho: O Espírito Santo, que é a terceira pessoa da Trindade, é Deus, uno e igual ao Pai e ao Filho, da mesma substância e também da mesma natureza... Contudo, não dizemos que Ele é somente o Espírito do Pai, mas, ao mesmo tempo o Espírito do Pai e do Filho. O Credo da Igreja, do Concílio de Constantinopla, confessa: “Com o Pai e o Filho ele recebe a mesma adoração e a mesma” (CATECISMO..., 2000, p. 74; CIC, 245).

Dentro das Ciências da Religião e da Teologia, estudos bíblicos debruçam-se sobre interpretações variadas acerca da natureza ontológica da Trindade. O Estudo de Hammes (2002, p. 1-2), enfatiza que a partir do Concílio Vaticano II, se confirmou a Teologia Católica nas diretrizes cristológicas; pneumáticas e trinitária. Assim, as três Pessoas divinas ganham importância, retirando do Catecismo uma abordagem que, por vezes, diminuía o papel do Espírito Santo (enfocando mais na relação Pai e Filho): “Jesus de Nazaré ontologicamente é o Filho (Verbo, Carne) do Pai, unido hipostaticamente à formulação, no entanto, persistia o paralelismo dos dois esquemas”.

O dualismo entre ‘Cristo’ e ‘Espírito’ é subdividida em leituras diversificadas. A primeira compreendia o Espírito Santo sendo a natureza, essência, divina de Jesus. A segunda, que o Espírito precede Jesus, portanto, antes da encarnação do Cristo, o ‘Pneuma’ já existia - entretanto, esse viés afirma que o Espírito Santo é o ‘nome pessoal’ do Cristo, pré-encarnação. Por fim, a terceira linha defende que ambos - Jesus e o Espírito - preexistiam à encarnação (Hammes, 2002, p. 2). Portanto, percebe-se que, apesar da unidade da Trindade Cristã, existem interpretações variadas, que ressaltam ou não a unicidade ou a tripartição da Trindade.

Salienta-se que o presente ensaio utilizou da leitura da unidade indivisível da trindade. Recuperando a Teologia *rahneriana*⁴, Teixeira (2020, p. 41), afirma que as três Pessoas divinas: Pai, Filho e o Espírito Santo são “o único e mesmo Deus na ilimitada plenitude da única divindade, na posse de uma só e mesma essência divina” (RAHNER, 1989, p. 168-169, apud TEIXEIRA, 2020, p. 41). Ainda seguindo na linha da indivisibilidade da trindade, referindo-se a vida religiosa consagrada, a referida teóloga afirma: “Por requerer coração indiviso, a castidade é reflexo do amor que liga as Pessoas divinas [Pai, Filho e Espírito Santo] na unidade trinária” (TEIXEIRA, 2020, p. 28).

Destarte, adotando o viés interpretativo supracitado (da unidade simbiótica da trindade), corroborado pelo Catecismo da Igreja Católica em vigor, que defende a unidade da “trindade”, sendo Jesus o mesmo que Deus (e o Espírito Santo) e vice-versa, objetivou compreender eucaristia católica - e a ritualística nela envolvida - visando construir paralelos desta com o “banquete totêmico”, como uma forma de reconstituição de tal episódio mitológico freudiano; em que o assassinato do pai, na figura do Cristo, e a comunhão através de seu corpo e sangue, convergem para a simbolização do parricídio, da refeição, luto e festejo do grande crime inaugural (FREUD, 2016, p. 161-162).

4. A horda se volta contra o seu rei/pai

Remontando ao julgamento e condenação de Cristo, de acordo com o novo testamento bíblico, Jesus era um judeu que fora perseguido e trucidado pelo seu próprio

⁴ Referente à Karl Rahner (1904-1984), proeminente sacerdote jesuíta e teólogo alemão, importante pensador do Trinitarismo.

povo, os semitas. Desde criança ele fora educado dentro da religião hebraica, como afirma a própria Bíblia: “Quando se completaram oito dias para a circuncisão do menino, deram-lhe o nome de Jesus, como fora chamado pelo anjo, antes de ser concebido” (BÍBLIA, Lucas 2, 21, p. 1252).

O evangelho de João (1:49) também confirma a ascendência e identidade judaica de Cristo, no qual um homem diz a ele: “Rabi [rabino], tu és o filho de Deus, tu és o rei de Israel!” (BÍBLIA, João 1, 49, p. 1293). Assim como no evangelho de Mateus: “Onde está o recém nascido rei dos judeus?” (BÍBLIA, Mateus 2, 2 p.1181) Destarte, Cristo foi perseguido e julgado pelo seu próprio povo. Pode-se aqui elencar um cauteloso paralelo, como o seu povo agindo como sua horda e, assim, ser um tipo de simulacro do grande banquete mitológico freudiano.

Em *Totem e Tabu*, Freud afirmou que um grupo de filhos revoltosos se uniu e planejou destruir o pai, para assim obterem o poder e os benefícios exclusivos dele. Desta maneira, eles “unidos ousaram fazer o que não seria possível individualmente” (FREUD, 2016, p. 147), que era sacrificar o líder para usurpar-lhe o poder, as benesses e a força.

O novo testamento converge para essa traição em que os próprios judeus teriam fomentado e festejado a condenação e morte de Cristo, seu “rei”, de acordo com o fragmento abaixo:

(...) Pilatos saiu ao encontro das autoridades dos judeus, e disse-lhes: ‘Eu não encontro nele [Jesus] nenhum motivo de condenação. Contudo, existe um costume entre vocês: que eu lhes solte alguém na Páscoa. Vocês querem que eu solte o rei dos judeus?’ (...) Então eles [hebreus] começaram a gritar de novo: ‘Ele não. Solte Barrabás’. Barrabás era um bandido (BÍBLIA, João 18, 38-40, p. 1318).

Assim, os próprios “súditos” optaram pela condenação do seu “rei”, ou seja, os hebreus apoiaram e condenaram Cristo. Após julgado, o “rei dos judeus” foi entregue ao seu próprio povo, para que eles o crucificasse: “Vendo Jesus, os chefes dos sacerdotes e os guardas começaram a gritar: Crucifique. Crucifique. Pilatos disse-lhes: ‘Encarreguem-se vocês mesmos de crucificá-lo, pois não encontro nenhum crime nele’” (BÍBLIA, João 19, 6, p. 1318-1319). Segundo a tradição cristã, assim foi feito, e o condenado fora entregue ao seu povo, para que fosse assassinado.

5. A última ceia: simulacro do grande banquete

A Bíblia traz em seu novo testamento a narração de como teria sido a última ceia de Jesus junto com os seus apóstolos, inclusive na presença de Judas, que o trairia. Judas Iscariotes, o desleal, seria o filho que volta-se contra o Pai e articula o assassinato, entregando-o às autoridades, de acordo com os textos bíblicos. O próprio Cristo já possuía consciência da existência de um desertor dentre os seus: “(...) a mão do homem que me traiçoa está se servindo comigo, nesta mesa” (BÍBLIA, Lucas 22, 21, p. 1283).

Em tal oportunidade, no qual o mestre reúne-se com seus discípulos, aos olhos do cristianismo, Jesus teria instituído a eucaristia, que simbolizava aquele momento final de comunhão e também o seu assassinato e antropofagia, assim como na supracitada obra freudiana. O evangelho de Lucas explicita isso:

Então Jesus pegou o cálice, agradeceu a Deus e disse: Tomem isto e repartam entre vocês; pois eu lhes digo que nunca mais beberei do fruto da videira, até que venha o reino de deus’.

A seguir, Jesus tomou o pão, agradeceu a Deus, o partiu e distribuiu a eles, dizendo ‘Isto é o meu corpo, que é dado por vocês. Façam isto em memória de mim. Depois da ceia, Jesus fez o mesmo com o cálice [com vinho], dizendo: ‘Este cálice é a Nova Aliança do meu sangue, que é derramado por vocês’ (Lucas 22, 16-20).

O psicanalista austríaco, em *Totem e Tabu*, ao descrever o grande banquete afirma: “(...) o clã mata cruelmente seu animal totêmico e o devora cru, carne sangue e ossos” (FREUD, 2016, p. 146), cena essa bastante semelhante à supracitada passagem bíblica, referente à ceia final do mestre para com os seus discípulos, ao qual ele frisa a sacralização de seu sacrifício, seu sangue e seu corpo, que se tornaram bebida e alimento – respectivamente – para os seus adeptos.

Freud também afirma que concretizado o sacrifício e o festejo, a consciência de culpa tomou de assalto os filhos parricidas, fazendo com que estes se arrependessem e temessem a punição do pai morto, bem como amedrontados pelo receio de rivalidades e revanchismos dentre os próprios irmãos da horda. Sendo assim, a imago psicológica do pai ganha força e torna-se ainda mais poderosa do que a própria figura material paterna: “O morto tornou-se mais forte do que havia sido vivo; tudo como ainda hoje vemos nos destinos humanos. Aquilo que antes ele impedira com sua existência, eles proibiram

então a si mesmos, na situação psíquica de “obediência a *posteriori*” (FREUD, 2016, p. 149).

Conforme o excerto abaixo, o Catecismo da Igreja Católica endossa a interpretação de que os próprios cristãos corroboraram com a morte de seu líder, reafirmando a consciência de culpa pelo assassinato, descrita pelo psicanalista austríaco, conforme o trecho abaixo:

Levando em conta que nossos pecados atingem o próprio Cristo, a Igreja não hesita em imputar aos cristãos a mais grave responsabilidade no suplício de Jesus, responsabilidade mais grave no suplício de Jesus, responsabilidade que com excessiva frequência estes debitarão quase exclusivamente aos Judeus (CATECISMO..., 2000, p. 170; CIC 598).

Ainda de acordo com o mencionado Catecismo católico, afirma-se que a eucaristia é um memorial que visa perpetuar a lembrança do sacrifício do Cristo: “A Eucaristia que instituiu naquele momento será o “memorial” de seu sacrifício. Jesus incluiu os apóstolos na sua própria oferta e lhes pede que a perpetuem. Com isso, instituiu seus apóstolos como sacerdotes da Nova-Aliança (CATECISMO..., 2000, p. 174 – 175; CIC 611). Portanto, para o catolicismo, a eucaristia é um momento que simbolicamente se simula a morte do seu líder, no qual os próprios católicos consideram-se culposos, e também se reencena o banquete totêmico freudiano, em que os filhos alimentam-se do pai por eles desgraçado, almejando assim incorporarem a si as características dele admiradas.

6. *Via crucis*: humilhação e morte do pai

Em *Totem e Tabu*, o pensador austríaco defende que a derrota e a gigantesca humilhação passada pelo pai, com o sua queda da liderança da horda e destruição, torna-se futuramente o seu ponto forte, aquilo que restabelece e fortifica o líder que agora está morto, em forma de consciência pesarosa, conforme o trecho:

A cena da derrota do pai, de sua maior humilhação, tornou-se aí o material para representar seu mais alto triunfo. A importância que o sacrifício adquiriu universalmente está no fato de que oferece ao pai a satisfação pela injúria sofrida, no mesmo ato em que perpetua a lembrança do malfeito (FREUD, 2016, p. 156).

O vexame e a bancarrota do pai é explicitamente narrada em partes dos evangelhos de Mateus, Lucas e João, que evidenciam a *Via Crucis*, ou Via Dolorosa, trajeto no qual Cristo condenado percorreu a pé, recebendo humilhações e castigos de seus algozes, como Freud descrevera, tal penosa trajetória se tornou o grande triunfo do que os católicos chamam de “Paixão de Cristo”, que Ele morre por culpa dos seus, mas para perdoá-los, gerando assim a consciência de culpa descrita pelo fundador da psicanálise. Abaixo estão alguns excertos sobre a derrota do pai:

Evangelho de Mateus:

Então se ajoelharam diante de Jesus e zombaram dele, dizendo: ‘Salve, rei dos judeus!’ Cuspiram nele e, pegando a vara, bateram na sua cabeça. Depois de zombarem de Jesus, tiraram-lhe o manto vermelho e o vestiram de novo com as roupas dele; daí o levaram para crucificar (BÍBLIA, Mateus 27, 29-31, p. 1218).

Evangelho de Lucas:

Os chefes, porém, zombavam de Jesus, dizendo: ‘A outros ele salvou. Que salve a si mesmo, se é de fato o Messias de Deus, o Escolhido!’ Os soldados também caçoavam dele. Aproximavam-se, ofereciam-lhe vinagre e diziam: ‘Se tu és o rei dos judeus, salva a ti mesmo!’ Acima dele havia um letrado: ‘Este é o rei dos judeus’ (BÍBLIA, Lucas 23, 35-36, p. 1286).

Evangelho de João:

Então Pilatos pegou Jesus e o mandou flagelar. Os soldados trançaram uma coroa de espinhos e a colocaram na cabeça de Jesus. Vestiram Jesus com um manto vermelho. Aproximavam-se dele e diziam: ‘Salve, rei dos judeus!’ E lhe davam bofetadas (BÍBLIA, João 19, 1-3, p. 1318).

Depreende-se, a partir da análise desses eventos a existência, primeiramente, de uma identificação entre os irmãos, movidos pelos sentimentos de impotência e ódio pelo pai tirano; bem como da existência de uma relação de ambivalência, ao passo que pelo ódio ocorreu a morte, mas pelo amor ocorreu a incorporação e o banquete. Assim, esse evento é capaz de fazer a tribo se reconhecer enquanto irmãos e possibilitar a interpretação enquanto evento precursor da formação da cultura à medida em que o pai se fortalece e é fruto de admiração e temor (ROCHA, 2012, p. 118-119). Além disso, segundo a interpretação do autor, quando existe um profundo apego emocional, também existe a hostilidade. Assim, a censura aparece enquanto opositora do desejo

inconsciente de que, caso a morte ocorresse, os sujeitos não ficariam insatisfeitos, o que leva à autocensura e, nos povos primitivos, a formação dos tabus, importante para posterior formação das práticas religiosas (VELIQ, 2016, p. 56-57).

7. A culpa, o luto pelo assassinato e o festejo de reconciliação com o pai

Os trechos abaixo, extraídos de *Totem e Tabu*, falam sobre a sensação de culpa do clã após o extermínio do líder: “Eles revogaram seu ato [parricídio], declarando ser proibido o assassinio do substituto do pai, o totem, e renunciaram às consequências dele”. “Isso [a culpa pelo assassinato do Patriarca] ocorreu em forma de arrependimento, surgiu uma consciência de culpa, que aí equivale ao arrependimento sentido em comum. O morto tornou-se mais forte do que havia sido o vivo” (FREUD, 2016, p. 149).

O sentimento de culpa também aparece no Novo Testamento, depois de concretizada a crucificação de Jesus: “Já era mais ou menos meio-dia e uma escuridão cobriu toda a região até às três horas da tarde, pois o sol parou de brilhar. A cortina do santuário rasgou-se ao meio. Então Jesus deu um forte grito: ‘Pai, em suas mãos entrego o meu espírito’. Dizendo isso, expirou” (BÍBLIA, Lucas 23, 44-46, p. 1287).

Narrando o supracitado momento em seu evangelho, Lucas completa: “E todas as multidões que estavam aí [no local da crucificação] e que tinham vindo para assistir, viram o que havia acontecido [escuridão e agonia de Cristo], e voltaram para a casa, batendo no peito [afirmando a inocência do morto]” (BÍBLIA, Lucas 23, 48, p. 1287).

A escuridão pode ser entendida como uma simbolização desse arrependimento, da consciência de culpa, que recaiu sobre as massas após o derradeiro suspiro de Jesus, bem como toda a comoção e indignação que o episódio gerou naqueles que o presenciaram, e que até a pouco clamavam pela morte do Cristo. Uma vez efetuada o assassinato, o arrependimento arrebatou os presentes.

Freud (2016), afirmava que terminada a ocisão e o banquete, o sentimento de culpa manifestou-se em todos os membros da horda primeva, que se enlutaram e viveram aquele arrependimento pelo ato errôneo por eles cometido, na tentativa de assim se redimirem e apaziguarem as emoções negativas. Passado o tempo do luto, a

fraternidade outrora culposa, agora se revigora e festejam euforicamente, conforme o excerto abaixo:

Após o ato, o animal [totêmico] é chorado e lamentado. O lamento pelo morto é obrigatório, imposto pelo temor de represália, e sua intenção (...) de livrar-se da responsabilidade pela morte. Mas após esse luto vem a alegria festiva, o desencadeamento de todos os instintos e a licença de todas as gratificações. Sem dificuldade vislumbramos aí a natureza da festa (FREUD, 2016, p. 146).

A mesma sucessão de fatos é reportada pela Bíblia no qual a ressurreição do Cristo, o ‘pai executado’, na presente leitura, comprova que ele se mantém vivo, perdoadando, assim, a culpa e apaziguando o remorso dos seus. Vale ressaltar que Segundo Veliq (2016, p. 60), para Freud, a religião se basearia em uma projeção entre pai e filho em que o filho sente a necessidade de proteção do pai, mas ao mesmo tempo o odeia por ter impossibilitado sua relação fusional com sua mãe. Assim, Freud (2017, p. 17-20) afirma que esse sentimento perduraria por toda a vida adulta e é com base nisso que surge a ideia de “Deus”, enquanto figura onipotente, e segundo Veliq (2016, p. 60), como um pai idealizado, que se funda no desejo e na busca da superação do desamparo, algo que possibilita a produção dessa ilusão e alimenta a crença em Deus.

Prosseguindo, o grande festejo da ressurreição, para os cristãos, é a páscoa, na qual o pai “renasce”, ressurgir dos mortos, perdoadando os pecados e reiterando todo o seu poder e honra. Portanto, a festa da páscoa é para a cristandade o grande festejo pós-luto pela morte do seu pai. Os fragmentos bíblicos abaixo convergem com tal leitura:

Ela [Maria Madalena] foi anunciar isso aos seguidores de Jesus, que estavam de luto e chorando. Quando ouviram que ele [Cristo] estava vivo e fora visto por ela, não quiseram acreditar (BÍBLIA, Marcos 16, 10-11, p. 1247).

Espantados e cheios de medo, pensavam estar vendo um espírito [de Jesus, agora ressuscitado]. Então Jesus disse: ‘Por que vocês estão perturbados, e por que o coração de vocês está cheio de dúvidas? Vejam minhas mãos e meus pés: sou eu mesmo. Toquem-me e vejam: um espírito não tem carne e ossos, como vocês podem ver que eu tenho’ (BÍBLIA, Lucas 24, 37-39, p. 1288).

Ai, [Cristo] ergueu as mãos e os abençoou. Enquanto os abençoava, afastou-se deles e foi levado para o céu. Eles [os apóstolos] o adoraram, e depois voltaram para Jerusalém, com grande alegria (BÍBLIA, Lucas 24, 50-52 p. 1289).

[Jesus] Ficou no meio deles e disse: ‘A paz esteja com vocês.’ Dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Então os discípulos ficaram contentes por ver o Senhor (BÍBLIA, João 20, 19-20, p. 1321).

Os excertos acima podem ser interpretados como uma releitura simbólica do parricídio freudiano (Freud, 2016, p.145-146), em que a morte do pai, pelo seu próprio clã, é chorada e fortemente lamentada, em um período de luto. Passada essa fase, vem os festejos pós enlutamento, como forma de redenção à falta e culpa pelo ato por eles cometido. Na chave de leitura adotada no presente ensaio, os trechos bíblicos supracitados podem ser compreendidos como a narração desse luto e culpa, que é apaziguado pela ressurreição do pai - a reversão simbólica da ocisão - a remissão da consciência de culpa; portanto, no presente recorte interpretativo, a ressurreição de Cristo seria a reversão mítica do parricídio.

Porém, Freud faz uma ressalva de que existem diferenças em como a hostilidade, enquanto satisfação pela morte, é sentida no inconsciente dos povos primitivos:

A defesa contra ela assume a forma de deslocá-la para o objeto da hostilidade, ou seja, para os próprios mortos. Esse procedimento defensivo, comum tanto na vida mental normal quanto na patológica é conhecido como ‘projeção’. O sobrevivente nega assim que tenha algum dia alimentado quaisquer sentimentos hostis pelo morto querido, em vez disso, é a alma do defunto que os alimenta e procura pô-los em ação durante o período de luto. Apesar da defesa bem sucedida que o sobrevivente consegue através da projeção, sua reação emocional apresenta as características de castigo e remorso, porque é o sujeito dos temores, e submete-se a renúncias e restrições, embora estas sejam em parte disfarçadas como medidas de proteção contra o demônio. (FREUD, 2006, p. 74, apud VELIQ, 2016, p. 57).

Ressalva-se, por fim, que, ao comparar o pai citado nos trechos bíblicos com o animal totêmico, pode-se pensar em diferenças de tratamentos. Faz-se esse paralelo, ao passo que o Deus da Bíblia é visto enquanto ser misericordioso que criou seus filhos em um ato de amor e os deu liberdade de escolha (CATECISMO..., 2000, p. 21-26, CIC 24 - 42), já o pai da horda é visto enquanto aquele tirano que exerce o poder através da coerção (FREUD, 2016, p. 149-151). Porém, apesar dessas diferenças, dá-se para interpretar que mesmo em narrações que se distanciam nesses pontos, pode existir a relação de projeção dos filhos pelo pai, que se faz onipresente e todo-poderoso no pós-

morte, bem como a necessidade de reconciliação e introjeção de seus restos, simbolicamente, pelos membros que o mataram.

Considerações Finais

A obra *Totem e Tabu* (2016) é um clássico freudiano no qual o psicanalista aborda o caráter inconsciente por trás de diversas manifestações culturais como, por exemplo, o tabu da morte, da gravidez, do incesto, etc. Nesse livro, Freud teoriza acerca do banquete totêmico que simbolicamente significava para a psicanálise a ocisão do Pai, figura central de autoridade, por seus próprios filhos devorado, para absorverem aquilo que admiravam daquele chefe do clã.

O próprio Freud afirmava que a culpa por tal crime ainda reverberava no psiquismo dos neuróticos, bem como embasava instituições sociais como a religião. Sendo assim, o cristianismo católico traria consigo, em sua doutrina religiosa, traços dessa culpa e desse desgraçado evento passado. A eucaristia seria a lembrança e a simulação do banquete simbólico, em que o corpo e o sangue de Cristo são comidos por seus próprios seguidores, corresponsáveis – na visão da própria Igreja – pelo assassinato de seu líder; e também o choram e enlutam-se por sua morte.

Portanto, segundo a bíblia cristã, em seu novo testamento, e o catecismo da Igreja Católica, Deus encontrava-se na pessoa do Cristo, vice-versa. Aniquilar o Cristo e simbolicamente devorá-lo é também - nesta leitura - destruir a Deus, o grande pai. Para tal interpretação, é indispensável que se adote a ideia da Santíssima Trindade católica, em que Deus (pai), Jesus (filho) e o Espírito Santo (pentecostes) são o mesmo ser, não havendo divisória dentre estes.

Vale ressaltar que Freud fez, em sua mencionada obra, análises acerca da mitologia católica, porém o autor adotou um viés no qual Deus e Cristo eram personalidades e divindades diferentes. Destarte, Deus seria o grande pai e Cristo, o filho que conseguiu redimir-se diante do patriarca e substituir a religião deste pela sua própria, o cristianismo. Tal interpretação é verossímil, tendo em vista que a própria bíblia os descreve como deidades diferentes, sendo o pai um Deus e o filho, um semideus. No entanto, o presente estudo respalda-se no catecismo católico para unificá-los em um só ser: Jesus é Deus e, portanto, é o pai. Assim, buscou-se analisar a figura de Jesus enquanto figura “Trina” que veio para representar o Pai, estando então, nessa

figura de sacrifício, no lugar simbólico do Deus. Portanto, psicanaliticamente, a santíssima trindade pode ser lida como uma simbiose, uma fusão e, por isso, as três ‘Pessoas’ da trindade são somente uma única; assim, ferir Jesus é sinônimo de ferir o pai, a Deus.

Conforme o descrito em *Totem e Tabu* (1913/2016), o evangelho novo conta uma história que se faz possível traçar paralelos entre a perseguição, condenação, morte e ressurreição de Jesus e os momentos do parricídio, alimentação, culpa e festejos do mito totêmico. Cristo fora traído pelo seu povo, os judeus, que fomentaram o seu julgamento e promoveram sua crucificação. Ele também fora apunhalado por um dos seus apóstolos, Judas Iscariotes, alguém de sua intimidade e confiança, que se rebelou contra o líder e o entregou para os carrascos.

As semelhanças continuam quando supostamente Cristo teria instituído a eucaristia, na última ceia, que ele simbolicamente sacralizava o pão como sua carne, e o vinho como o seu sangue. Para o catolicismo, ao comungar a pessoa está recebendo Jesus e absorvendo suas graças, igualmente à descrição da deglutição do animal totêmico pelo seu próprio clã. Assim, a partir da leitura analítica aqui adotada - buscando ressaltar paralelos entre o mito cristão e o mito freudiano - do mesmo modo que o pai primevo freudiano, Cristo/Deus também foi humilhado e morto pelos seus ‘filhos’ (iguais).

A desgraça de Jesus fora acompanhada por um grande luto, seguida por muitas festividades e alegrias, pois na páscoa ele ressuscitou, sanando assim, a consciência pesarosa de sua horda; uma vez que o crime foi revertido e o pai está vivo novamente. Os festejos e simbolismos católicos sobre a páscoa convergem com as festividades pós-luto teorizadas por Freud em *Totem e Tabu* (1913/2016), no qual o clã alegra-se e brinda como uma maneira de amenizar a consciência de culpa e também rememorar todo o ocorrido com o pai, para assim se evitar novas tragédias.

Em suma, o presente estudo objetivou traçar esses paralelos entre a obra freudiana e as crenças cristãs-católicas a respeito do sacramento da eucaristia e do episódio de morte e ressurreição do Cristo. Vale reforçar que o atual estudo não almeja ofender ou menosprezar nenhum credo religioso, mas apenas analisá-lo e pensá-lo de acordo com a psicanálise freudiana, mais especificamente, o livro *Totem e Tabu*. Também faz-se bem-vindo reforçar que não se pretendeu esgotar a temática nesse



estudo com esses referenciais, sendo importante outras visões e discussões, de cunho analítico-teórico, acerca do assunto.

Referências Bibliográficas

AMARAL, F. B.. Totem e tabu: notas sobre o parricídio e a ficção. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 22, n. 2, maio 2019. p. 228–236.

BÍBLIA. **Bíblia sagrada**. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1991.

Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu** (3ª ed., Souza, P. C, Trad.). São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização** (1ª ed., Souza, P.C, Trad.). São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2017.

GODOI, Bernardo Sollar; NOÉ, Sidnei Vilmar. A morte de Deus, o pai da horda primeva e o interdito. **Reverso**, n. 75, 2018. p. 73-82.

HAMMES, Erico. O Espírito Santo e Jesus: uma inversão ‘cristológica’?. **Teocomunicação PUCRS**, v. 32, n.1, 2002. p. 1 - 12.

LIMA, Alan Souza; SOUZA, Maurício Rodrigues. O pai da horda e o supereu: de um prenúncio da instância. **Psicologia USP**, v. 27, n.3, 2016. p. 420-428.

MACIEL, Karla Daniele de Sá Araújo; ROCHA, Zeferino de Jesus Barbosa. Dois discursos de Freud sobre a religião. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 8, n. 3, 2008. p. 729-754,

MAIMÔNIDES, os treze princípios da fé judaica. **Revista Morashá**, n.88, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.morasha.com.br/leis-costumes-e-tradicoes/maimonides-os-treze-principios-da-fe-judaica.html>>. Acesso em: 14 de jul. 2023.

MARANHÃO, Bernardo Costa Couto de A. O Poderoso Chefão Ou da paternidade como fundamento da lei em “Totem e tabu”, de Freud. **Reverso**, v. 52, n. 37, 2005. p. 37-42.

MIRANDA, Claudio. **Freud e o retorno do sagrado: a sobrevivência e reconfiguração do religioso na contemporaneidade**. 113 f. Dissertação (Mestrado em Teologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.



NAMBA, Janaina. A proibição do incesto em Lévi-Strauss e Freud: algumas aproximações. **Revista De Antropologia**, v. 61 n. 1, 2018. p. 176-190.

POLLO, Vera; SANT'ANA, Maria Luísa Rodrigues. AS TRÊS VERSÕES DO PAI: O PARRICÍDIO, O NOME E O DIZER. **Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica**, v. 25, n. 1, 2022. p. 82-88.

PONTES, Andrea Mello. O Tabu do Incesto e os olhares de Freud e Levi-Strauss. **Trilhas**, v. 4, n.1, 2004. p. 7-14.

ROCHA, Helenice De Fátima Oliveira. Do pai da horda a Moisés: o ideal como articulador entre o sujeito e a cultura. **Boletim de Psicologia**, v. 62, n. 137, 2012, p. 117-127.

TEIXEIRA, Priscila Cirino. **A autocomunicação do Deus triúno e a Confessio Trinitatis: Contribuições para uma Teologia trinitária da vida consagrada**. 2020. 95 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2020.

VELIQ, Fabiano. O totem e o desamparo: duas chaves de leitura para a religião no pensamento freudiano. **Analytica**, v. 10, n. 6, p. 28-45, 2017. Recuperado em 19/11/2021 de <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v6n10/04.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2022.

VELIQ, Fabiano. Religião e projeção em Freud. Elementos para o debate entre psicanálise e religião. **Synesis**, v. 8, n. 2, p. 49-65, ago/dez. 2016. <<https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1131>>. Acesso em: 14 jul. 2023.